

O FUNERAL DE P. CLÓDIO PULCRO (52 A.C) E A MEMÓRIA NA ROMA TARDO-REPUBLICANA

Jonathan Cruz Moreira¹

Resumo: A memória tinha extrema relevância na Roma antiga, e a memória cultural da *urbs* era comemorada e consolidada em monumentos, inscrições, discursos e em rituais, como triunfos e funerais públicos. No período tardo-republicano, o funeral aristocrático apresentava as conquistas da família enlutada por meio de uma sequência intrincada de ritos, articulando a memória da aristocracia à memória cultural de Roma. Rituais públicos como os funerais aristocráticos, ao envolver diversos grupos, criavam referenciais comuns que, em determinadas condições, eram articulados de maneiras diferentes. Este artigo se propõe a refletir sobre a apropriação de elementos do funeral aristocrático e sua conexão a outros referenciais de memória no funeral de P. Clódio Pulcro, em 52 a.C.

Palavras-chave: Memória Cultural; Rituais Funerários; Revolta; Roma Antiga.

THE FUNERAL OF P. CLODIUS PULCHER (52 BC) AND THE MEMORY IN THE LATE REPUBLICAN ROME

Abstract: Memory had great relevance in ancient Rome, and the cultural memory of the *urbs* was commemorated and consolidated in monuments, inscriptions, speeches and in rituals, such as triumphs and public funerals. In the late-Republican period, an aristocratic funeral presented to the city the achievements of the bereaved family through an intricate sequence of rites, articulating the aristocratic memory with the cultural memory of Rome. Public rituals such as aristocratic funerals, by involving different groups, created common references that, under certain conditions, were articulated in different ways. This article addresses the appropriation of elements from the aristocratic funeral and its connection with other references to memory at the P. Clodius Pulcher's funeral in 52 BC.

Keywords: Cultural Memory; Funerary Rites; Revolt; Ancient Rome.

As diferentes atitudes em relação à morte e aos rituais e costumes a ela relacionados são tópicos relevantes para a compreensão de como as sociedades se organizam e quais estratégias adotam com relação à memória individual e da comunidade. Os romanos antigos atribuíam um papel central à memória, que se manifestava em quase todos os aspectos de sua existência, desde as celebrações dos mortos à oratória e ao direito, impregnando e animando sua arte, seus edifícios e sua literatura (GOWING, 2005, p.2). O interesse em perpetuar registros da vida em memoriais funerários, portanto, não era circunscrito às elites, mas interessava à maioria das pessoas que, mesmo em monumentos e rituais mais simples, buscavam deixar algum legado, algum registro de sua passagem para a posteridade².

¹ Doutorando em História pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Tema de pesquisa: *Visões do passado: as sanções punitivas de memória e a memória coletiva na Roma tardo-republicana (133 a.C – 44 a.C)*, bolsista CAPES sob orientação da Profa. Dra. Claudia Beltrão da Rosa. E-mail: Jonathan.cruzmoreira@edu.unirio.br

² Sobre tradições funerárias epigráficas e sua difusão em diferentes grupos da sociedade romana antiga, ver CARROLL, 2006.

Esta importância das tradições funerárias na antiguidade romana tem atraído a atenção da historiografia há décadas³, especialmente no que tange os aspectos simbólicos das tradições funerárias da elite dirigente que, especialmente no período tardo-republicano e nas primeiras décadas do principado, ultrapassavam o aspecto pessoal e familiar da experiência da morte e envolviam toda a comunidade em um espetáculo que confundia a memória das famílias de destaque da política romana com a própria memória da cidade (HÖLKESKAMP 2010a, pp.120-121).

Este artigo propõe uma discussão acerca da memória na Roma tardo-republicana e sua relação com rituais privados, neste caso, o funeral aristocrático. Tais rituais, ao envolver grupos amplos da sociedade romana, desempenhavam uma importante função ao cristalizar, na memória cultural, os feitos e virtudes da elite dirigente envolvendo um grupo amplo de espectadores, mas, não raro, sobretudo em momentos de instabilidade, estes funerais davam a oportunidade, tanto a grupos, quanto a indivíduos, de se expressar publicamente, resultando em interferências diretas nos funerais e revoltas (HOPE, 2009, p.91). O conceito de memória cultural, cunhado por Aleida e Jan Assmann, refere-se à memória de uma sociedade consubstanciada em tradições e memoriais, e é exteriorizada, objetivada e armazenada em formas simbólicas que, diferentemente dos sons de palavras ou da visão de gestos, são estáveis e transcendentem à situação (ASSMANN, 2008, p. 4). Como memória institucionalizada, a memória cultural não conserva o passado como ele foi, uma vez que o passado é perdido, mas se liga a pontos fixos no passado e tende a condensar-se em figuras simbólicas nas quais a memória se conecta (ASSMANN, 2011 p.37). Na Roma tardo-republicana, essas figuras simbólicas estavam localizadas em diferentes instituições, espaços e rituais que compunham uma memória comum, a memória cultural.

A memória cultural, ao mesmo tempo que oferece referenciais de memória comuns a uma determinada sociedade, permite a coexistência de narrativas conflitantes, frequentemente expressas de maneira violenta. Será empreendido nesse artigo o estudo de caso do funeral de Públio Clódio Pulcro⁴, assassinado por seu rival político T. Ânio Milão em janeiro de 52 a.C.,

³ Entre as principais obras sobre o tema, é importante destacar TOYNBEE, 1971, e especialmente a obra seminal de FLOWER, 1996, sobre o universo simbólico dos funerais aristocráticos e as *imagines* neles ostentadas. Desde então, novos aspectos dos funerais aristocráticos têm sido considerados, como por exemplo aspectos sensoriais e práticos das procissões (BODEL, 1999), ou a avaliação e recriação digital das dimensões e percursos (FAVRO; JOHANSON, 2010). Importante destacar, também, o trabalho de Valerie Hope, sistematizando novas abordagens e fontes sobre o tema dos rituais funerários na Roma antiga (HOPE, 2009; 2007; 2000).

⁴ Públio Clódio Pulcro (93 a.C – 52 a.C), foi questor (61 a.C), tribuno da plebe (58 a.C) e edil (56 a.C) e conseguiu grande popularidade, principalmente por meio do apoio à reconstituição dos *collegia* banidos em 64 a.C, e sua legislação de distribuição de grãos gratuitamente durante seu tribunato. A partir de sua influência nos *collegia* e *vicii* da cidade, reunia apoiadores e aliados armados com os quais entrava em confronto com adversários, como M.T. Cícero e T. Ânio Milão em diversos momentos nos anos 50 a.C. Ver TATUM, 1999

no qual um grupo significativo da plebe urbana de Roma, juntamente com alguns tribunos e aliados, improvisou um funeral que terminou com uma onda de violência pela cidade e a Cúria Hostília⁵ em chamas. O enfoque se concentrará nos acontecimentos relativos ao funeral, como a relação entre o corpo deixado na via Ápia e a revolta popular; o translado do corpo do Palatino às *Rostra*⁶; a *laudatio* proferida pelos tribunos; a pira funerária que consumiu a Cúria Hostília, e a intervenção em funerais aristocráticos anteriores e posteriores ao de P. Clódio. Não nos deteremos, portanto, nas demonstrações de violência que ocorreram após o funeral pela cidade de Roma.

Com relação à documentação, será dada atenção especial aos comentários de Ascônio à versão escrita do discurso de M. Túlio Cícero em defesa de Milão⁷ e ao próprio discurso de Cícero, o *Pro Milone*. Os comentários, escritos no século I d.C, permitem compreender nuances específicas, e ter uma visão ampla dos elementos constitutivos do funeral de Clódio. Já o discurso de Cícero, foi escrito em 52 a.C como defesa do assassino de Clódio, e é uma ferramenta imprescindível para a compreensão da posição de Cícero sobre o funeral. Alguns documentos posteriores, como os textos de Dião Cássio, Apiano e Plutarco também serão discutidos quando necessário.

O funeral aristocrático e a memória cultural

O funeral aristocrático compreendia uma gama de rituais reunidos na palavra *funus* (FLOWER, 1996, p. 92). O corpo, lavado e perfumado⁸ era acomodado em uma liteira por vezes ricamente adornada (HOPE, 2009, p. 69, FLOWER, 1996) e seguia em cortejo (*pompa funebris*), ao som dos músicos, em meio ao aroma das tochas e incensos, até as *Rostra*, onde

⁵ A Cúria Hostília teria sido a primeira casa do senado romano, e sua construção remonta, tradicionalmente, ao período monárquico, sob a tutela do rei Túlio Hostílio. Foi reconstruída em 80 a.C por L. Cornélio Sila, no contexto de outras obras neste espaço do fórum. Se localizava ao lado da Cúria Júlia, ainda presente, no espaço que hoje é parcialmente ocupado pela igreja de São Lucas e Martina. Após o incêndio de 52 a.C foi reconstruída e aumentada, para ser depois derrubada para dar lugar a atual Cúria Júlia em 44 a.C (RICHARDSON, 1992, p. 102).

⁶ Os *Rostra* eram uma plataforma localizada em frente ao *comitium*, estrutura circular escalonada próxima à cúria Hostília, onde ocorriam assembleias e reuniões. Com o crescimento da cidade, as assembleias e reuniões foram gradualmente deslocadas para o fórum e, a partir do século II a.C, os magistrados se endereçavam aos presentes no fórum a partir dos *Rostra*. Seu nome deriva das pontas de navios (*rostrum*) que adornavam a estrutura, fixados na parede da plataforma na direção do fórum, capturadas após uma vitória naval na revolta latina, no século IV a.C (RICHARDSON, 1992, pp. 334-335).

⁷ As traduções dos comentários de Ascônio e do *Pro Milone* de M. T. Cícero são de Marlene Lessa Vergílio Borges (BORGES, 2011), exceto quando assinalado. O texto latino utilizado no trabalho foi editado por A. C. Clark em LEWIS, 2006.

⁸ A preparação do corpo poderia envolver, também, profissionais especialmente dedicados a isso. Profissionais relacionados com os negócios funerários, os *libitinarii*, eram socialmente estigmatizados, seja pela poluição do tratamento direto com cadáveres, seja pelo fato de lucrarem por meio do infortúnio alheio (HOPE, 2009, p.70). Sobre os *Libitinarii*, ver BODEL, 2000.

um membro da família proferia a *laudatio*, um discurso no qual os feitos dos antepassados, ali representados pelas *imagines*⁹ e atores, eram lembrados à plateia que assistia ao ritual, recebendo o falecido no mundo dos mortos e na memória da cidade. Em uma famosa descrição, o grego Políbio, no século II a.C. destacava:

Toda a massa do povo fica em volta para assistir, e um filho adulto, se puder estar presente, ou se não algum outro parente, sobe nas *rostra* e faz um discurso sobre as virtudes do homem morto e os sucessos alcançados durante sua vida. Como resultado, as pessoas, não apenas aquelas que compartilharam as ações, mas também aquelas que não compartilharam, lembram o que aconteceu e imaginam o que aconteceu. (Polyb. *Hist.* 3.65)

Ao mesmo tempo que o *funus* aristocrático dava as boas-vindas ao jovem aristocrata que proferia o elogio do morto, envolvia uma plateia atenta aos feitos da família do falecido, dando um sentido comum a uma experiência eminentemente particular como a da morte, através da memória que, para Karl-Joachim Hölkeskamp, era um processo de contínua construção por meio da interdependência entre oralidade, espaço monumental e tradições que conferiam significado a narrativas e valores comuns (HÖLKESKAMP, 2014, p.67).

A Roma tardo-republicana, portanto, pode ser pensada como um *palco da história* em um duplo sentido do termo, isto é, como um espaço urbano onde ocorreram eventos importantes, como espaço onde a lembrança de tais eventos foi visivelmente encenada em rituais efêmeros, e como um permanente *cenário* ou *paisagem* da memória cultural (HÖLKESKAMP, 2014; 2010b, p. 482), daí a importância da relação entre o espaço do cortejo fúnebre, o fórum, e a *laudatio*, na qual as relações entre passado e presente eram contextualizadas por meio do discurso.

Esta abordagem dos funerais aristocráticos como um veículo importante da memória cultural romana que, embora mediada diretamente pela elite, era comum à maior parte da comunidade, ao mesmo tempo que oferece chaves de interpretação importantes, suscita também outros questionamentos. A plateia que assistia estes funerais possuía a mesma percepção dos eventos que seus anfitriões? Essa mesma plateia, um grupo heterogêneo, mas, em sua maioria, econômica e socialmente diferente da elite senatorial, acompanhava estes eventos de forma passiva?

Como Peter Wiseman demonstra, passagens históricas e costumes eram divulgados de diversas maneiras. Peças encenadas com temas históricos, poemas e narrativas divulgadas

⁹ *Imagines* eram máscaras de cera representando os antepassados das famílias aristocráticas, e que eram mantidas no átrio das casas para exibição e para cortejo quando um dos membros da família falecia (FLOWER, 1996).

oralmente faziam parte da paisagem urbana e permitia que parcelas mais amplas da população tivessem acesso à temas da memória e da história da cidade sem necessariamente a mediação direta dos grandes monumentos ou apenas da sua periódica contextualização por meio de rituais públicos (WISEMAN, 2014, p.62). Francisco Pina Polo também sugere que a população que atendia às *contiones*¹⁰ e assembleias possuíam ao menos referências de eventos e conceitos relativos à memória da comunidade, à mão dos oradores que se utilizavam delas na construção de seus argumentos (PINA POLO, 2018 p.230).

Sobre a participação dos que atendiam a esses eventos, John Bodet argumenta que funerais aristocráticos podem ser vistos como espetáculos nos quais a elite romana reafirmava seu poder e distinção, mas que possuía uma plateia direta e ativamente engajada. A população que comparecia a esses eventos, além do espetáculo visual da procissão, esperava ser alimentada com um banquete público dias após o funeral, e ser entretida com jogos e apresentações teatrais promovidos pela família do falecido (BODEL, 1999, p. 260). A necessidade de proporcionar bons jogos e banquetes colocavam a família promotora do evento sob o julgamento dos presentes, o que poderia impulsionar a carreira política ou, do mesmo modo, prejudicá-la (BODEL, 1999, *idem*). Além disso, o funeral aristocrático era também um espetáculo sensorial. O *funus* envolvia uma grande quantidade de aspectos sensoriais entre aromas, sons e coreografias que contribuíam para o envolvimento emocional de todos os presentes (FAVRO; JOHANSON, 2010). É possível pensar nessa experiência sensorial como importante para a construção da memória da multidão que atendia a esses eventos, construindo padrões e expectativas sobre esses funerais (GRAHAM, 2011, p.28).

Por último, é importante levar em consideração que a memória cultural não é compreendida como um sistema fechado. A memória cultural é constituída de elementos comuns, mas comporta também diferentes narrativas de memória que coexistem na mesma sociedade, por vezes em dissonância, fricção e rivalidade (ASSMANN; SHORTT 2012, p. 4). Em momentos traumáticos e em períodos conflituosos, essas memórias podem emergir de maneira violenta e mesmo em desafio à cultura dos *nobiles* (FLOWER, 2006, p. 80). Funerais como o de Públio Clódio Pulcro oferecem uma importante oportunidade de reflexão sobre como

¹⁰ *Contiones* eram o palco central para performance e observação dos atos públicos na Roma republicana. O termo designa assembleias convocadas por magistrados, especialmente nos *Rostra*, nas quais os magistrados se direcionavam ao público para diferentes propósitos: louvar os atos de uma magistratura em encerramento ou apresentar candidatos recém eleitos, alertar sobre aspectos de uma lei apresentada para aprovação ou rejeição, informar sobre decretos do senado, expressar apoio ou desaprovação, entre outros. No período tardo-republicano, as *contiones* se tornaram ferramentas de comunicação política importantes e tiveram papel central na experiência política dos cidadãos urbanos (MORSTEN-MARX, 2004, pp. 9-11)

grupos mais amplos da sociedade romana se apropriavam dos rituais dos quais eram partícipes e como podiam, sob determinadas condições, expressar-se por meio deles.

Morte e funeral de P. Clódio Pulcro

A versão dada por Ascônio para a morte de Públio Clódio é a seguinte: T. Milão ia para Lanúvio onde exercia o cargo de ditador¹¹; P. Clódio vinha de Aricia, onde havia se reunido com a administração local, e encontraram-se, por volta da nona hora¹², pouco além de Bovila¹³ (Asc. *In Mil.* 31C.15-20). Nesse ponto, a comitiva de Clódio encontrou-se com a de Milão e uma querela teria começado com a troca de ofensas entre escravos das duas comitivas. Clódio foi ferido no ombro por um dos escravos de Milão e buscou refúgio em uma taverna próxima (Asc. *In Mil.* 32C.5; 35C). A taverna onde Clódio estava escondido teria sido então atacada a mando de Milão, e o ex-tribuno foi arrastado para fora e assassinado. Seu corpo foi deixado na Via Ápia, e resgatado por um senador que por ali passava e a notícia correu rapidamente à cidade no início da noite.

Segundo Ascônio, logo que o corpo chegou à Roma, foi levado para casa e exposto no átrio de sua casa, em meio a uma multidão que descreve entre escravos e extratos baixos da plebe urbana:

Enorme multidão dos extratos mais baixos da plebe e de escravos, com grandes lamentações, circundou o corpo que fora colocado no átrio da casa. O ódio aos acontecimentos era intensificado pela esposa de Clódio, Fúlvia, que com desesperados lamentos exibia as feridas de Clódio. (Asc. *In Mil.* 32C, 19-22)

A composição deste primeiro grupo que se reúne na casa de Clódio não se difere, em Ascônio, da imagem dos apoiadores de P. Clódio, presente na retórica ciceroniana,¹⁴ e era composta, no primeiro momento, de seus aliados mais próximos, clientes, servos e apoiadores mais engajados

¹¹ A ditadura, foi, na Roma antiga, uma magistratura extraordinária exercida em tempos de guerra ou convulsão social, tradicionalmente duração de 6 meses, na qual o ditador (*dictator*) recebia poderes especiais para realizar julgamentos, preencher vagas do senado, convocar assembleias entre outras funções, auxiliado na *urbs* por seu mestre de cavalaria (*magister equitum*). Assim como outras estruturas políticas de Roma, esta magistratura foi estabelecida em municípios e colônias sob influência romana.

¹² Por volta das 15 horas (BORGES, 2011, p. 144)

¹³ *Aricia* e *Lanuvium* eram duas cidades latinas próximas às Colinas Albanas a sudoeste de Roma, e que correspondem, respectivamente, às atuais comunas italianas de Ariccia e Lanúvio. *Aricia* e *Lanuvium* estavam, respectivamente a 26 km e 30 km distantes de Roma, e ligadas à *urbs* por meio da Via Ápia. *Bovillae*, por sua vez, estava a aproximadamente 19 km de distância de Roma, às margens da Via Ápia, sendo naturalmente um caminho necessário até Roma, tanto para quem vinha de *Aricia*, quanto para quem vinha de *Lanuvium*.

¹⁴ Cícero costumava a referir-se aos apoiadores de Clódio como escravos, destituídos, vendidos e criminosos (Cic. *Dom.* 89)

(SUMI, 1997, p.87). Sua esposa, Fúlvia, apresenta o corpo aos presentes. A incumbência da preparação do cadáver, lavando-o e vestindo-o para o funeral era, como afirma Darja S. Erker, da matrona da casa. Erker detalha que os papéis de gênero nas tradições funerárias romanas eram bem demarcados, e das mulheres também se esperavam os lamentos mais efusivos, puxando os próprios cabelos e arranhando o próprio rosto, além de um discurso de vingança pela morte. Para Erker, a descrição dos gestos de luto como práticas femininas excessivas era, portanto, uma forma de expressar um julgamento negativo da perspectiva da moral romana filosoficamente derivada, na qual as virtudes masculinas desempenhavam um papel central, contrastando o lamento da vingança da mulher, com a *laudatio* virtuosa do homem (ERKER, 2011, p. 52).

Em Ascônio, Fúlvia é a primeira responsável por incitar o ódio popular que levaria o corpo a ser carregado para as *Rostra*, ao lado das acusações de dois tribunos da plebe, T. Munácio Planco, e Q. Pompeu Rufo. Além dos ferimentos efusivamente demonstrados, as condições nas quais o corpo foi encontrado também podem ter contribuído para que o funeral tomasse os contornos de revolta.

O corpo de Clódio, assim que o assassinato se consumou, não foi de pronto trazido para a cidade, mas foi deixado às margens da Via Ápia, sendo encontrado por acaso horas mais tarde. Segundo Ascônio: “Seu cadáver foi deixado na Via Ápia, pois os escravos de Clódio ou haviam sido mortos ou, gravemente feridos, haviam se escondido” (Asc. *In Mil.* 32C, 14-15). A imagem do corpo de Clódio carregado nu e pisoteado (Asc. *In Mil.* 33 C, 2), e coberto de sangue e de lama (Cic. *Mil.* 86) recorrentemente reconstituída na documentação reforça o fato de o corpo ter sido encontrado insepulto, deixado na estrada por seus executores e sem suas marcas de distinção. É provável que um aspecto tão importante quanto o corpo deixado insepulto não tenha passado despercebido também pelos seus seguidores.

Como destaca Valerie Hope, o direito de conceder ou negar o sepultamento era prerrogativa dos poderosos e dos vitoriosos. Negar o sepultamento era a sanção final e a demonstração final de poder (HOPE, 2011, p.116). Desde o século II a.C, porém, o assassinato político seguido de uma ampla gama de punições póstumas, dentre elas a negação da sepultura ou o lançamento do corpo no rio Tibre, havia se tornado parte recorrente de conflitos sociais (HINARD, 1986; FLOWER, 2006; KYLE, 1998). O corpo insepulto, além de um insulto direto à memória do falecido, também era um insulto à família, além de ferir escrúpulos religiosos no que concerne ao descanso póstumo (KYLE, 1998, p. 129). A necessidade de um funeral adequado e o insulto causado pela imagem do corpo deixado na estrada, sujo e ferido, eram

aspectos comuns à memória dos conflitos sociais recentes e não era estranho à maioria dos presentes.

O que se seguiu ao encontro entre o corpo de Clódio, sua família, aliados e apoiadores no átrio de sua casa, foi um conjunto de atos que, embora não tenham constituído a integridade dos rituais típicos do funeral aristocrático¹⁵ e, como veremos, estivessem sob contestação no discurso ciceroniano, consistiam em uma sequência razoável de atitudes que nos permitem vislumbrar um funeral de modelo aristocrático levado à cabo e adaptado por seus aliados e apoiadores. Para Geoffrey Sumi (1997) e Cyril Courrier (2014, pp. 503-504), o funeral de Clódio e posteriores demonstrações de violência inverteram um ritual repetido continuamente e presente na memória da cidade. De posse de referências comuns na memória cultural, como os funerais, os *clodianii*, responderam ao assassinato de seu líder invertendo os papéis do ritual. Retornando ao texto de Ascônio, logo ao amanhecer, sob a incitação dos tribunos T. Munácio Planco e Q. Pompeu Rufo, o corpo foi carregado da casa de Clódio, no Palatino, para as *Rostra*: “Sob a instigação destes, a turba ignorante leva para o fórum o cadáver nu e pisoteado, como estava no leito, e o coloca na *Rostra*, para que todos vissem os ferimentos” (Asc. *In. Mil.* 33C, 1-3). O traslado do corpo da casa à *Rostra* era praxe no *funus* aristocrático, mas não há sinais da disposição de atores, de *imagines* e outros sinais de distinção. Ascônio ocupava-se, sobretudo, do problema legal que envolvia o assassinato e, como consequência, da onda de violência posterior, ambos objetos do discurso de Cícero. Não é estranho, portanto, que eventuais preparativos entre a primeira hora da noite anterior, quando o corpo foi exibido no átrio da casa e o amanhecer seguinte, quando o corpo foi trasladado, não estejam presentes. O texto de Cícero, porém, fala de tochas, depois levadas para incendiar o fórum: “A não ser que pudestes dominar aqueles homens que acorreram à cúria com fachos” (Cic. *Mil.*91.), e não há nenhuma descrição do leito no qual o corpo foi carregado, mas o termo *lectus*, em *sicut in lecto erat positum* (Asc. 33C, 1-3), pode ser traduzido como a liteira funerária utilizada na procissão funerária (*pompa funebris*).¹⁶

Há, também, a referência aos *fascas* no funeral, feixe de varas amarradas com uma lâmina de machado carregado por *lictors*, símbolo do poder investido ao magistrado. Os *fascas*, juntamente com outros referenciais de status, eram exibidos na *pompa funebris* de aristocratas que haviam exercido magistraturas. Segundo Ascônio: “A mesma turba retirou os *fascas* do bosque de Libitina e os levou à casa de Cipião e de Hipseu, e em seguida aos jardins

¹⁵ É bem verdade, porém, que não eram todos os procedimentos que ocorriam em todos os casos, mas haviam adaptações e desenvolvimentos a depender dos recursos investidos.

¹⁶ *OLD*, 2016, p. 115

de Pompeu, proclamando-o ora cônsul, ora ditador” (*In. Mil.* 33C, 13-15). Os *fasces* aqui aparecem em seu sentido político, como símbolo de poder conferido a um magistrado, nesse caso, pela própria multidão que se apoderava desses símbolos. Os *fasces*, para A. J. Marshall, possuíam um simbolismo importante para grupos sociais subalternos, e não eram vistos por romanos comuns como relíquias arcaicas, mas como o poder efetivo incorporado no objeto (MARSHALL, 1984, p. 138).

Outro aspecto que chama atenção na presença de *fasces* é o fato de terem sido encontrados, segundo Ascônio, no *lucus Libitinae* (*In. Mil.* 33C, 13-15). O *lucus Libitinae* era localizado, além da porta Esquilina, e possuía uma relação próxima com rituais funerários (HOPE, 2009, p. 69; FLOWER, 1996, p. 273). Lá eram vendidos objetos e serviços relacionados à preparação do corpo, carregamento e sepultamento, além de objetos a serem utilizados na procissão (BODEL, 2000, p.137).

É improvável, que os *fasces* dos magistrados estivessem guardados no *lucus Libitinae* (SUMI, 1997, p.101). A cronologia dos fatos em Ascônio coloca os *fasces* já no contexto de violência ocorrida após o incêndio da Cúria. Novamente, o interesse de Ascônio não se concentra nos rituais funerários, e é possível que a visita ao *lucus Libitinae* de onde os *fasces* foram retirados tenha acontecido antes, e que tivesse feito parte do cortejo e da *laudatio* que ocorreu entorno do corpo no fórum. Cícero também fala dos *fasces* sendo levados ao templo de Castor,¹⁷ de forma a contextualiza-los entre outros exemplos de violência juntamente com as tochas que queimaram o senado. É possível sugerir, portanto, que os *fasces* retirados do *lucus Libitinae* fossem parte do equipamento utilizado em funerais e podem ter sido utilizados nesse sentido na *pompa funebris* de Clódio. Após o funeral, os mesmos *fasces* tomaram um sentido político, como símbolo de poder a ser confiado, por último, a Pompeu.¹⁸

Em um funeral tradicional, com a chegada do corpo às *Rostra* após a procissão, ocorria a *laudatio*, um discurso proferido pelo filho do falecido, ou algum importante membro da família. Com a chegada do corpo de Clódio às *Rostra*, o discurso ficou à cargo não da família, mas dos dois tribunos que, juntamente com os apoiadores de Clódio, acompanharam o cortejo do corpo. A família, desde a retirada do corpo da casa de Clódio no Palatino, afastou-se do processo, no entanto, mesmo em meio ao improvisado funeral do ex-tribuno, a hierarquia que

¹⁷ A invectiva ciceroniana relacionava frequentemente o templo de Castor aos planos de violência de Clódio, por exemplo, fechando os acessos ao templo: Cic. *Dom.* 110; depositando armas no interior do templo: Cic. *Dom.* 54.7; ocupando as escadarias do templo: Cic. *Dom.* 54.8; Como local onde recebia subornos: Cic. *Har. resp.* 28.

¹⁸ Segundo Dião Cássio, o 3º consulado *sine collega* de Pompeu em 52 a.C lhe foi conferido pelo Senado pela turbulência da cidade após o funeral de Clódio, e para aplacar o entusiasmo popular que pedia que o consulado ou a ditadura fosse dada a Pompeu ou a César (Cass. Dio. *Hist. rom.* 40.50, 3-4)

permeava a sociedade romana permanece. Os tribunos da plebe que legalmente, fazendo uso de seu *potestas contionandi*, reuniam as assembleias públicas, ganharam protagonismo e ficou a cargo deles o discurso (PINA POLO, 2009, p.99). A *laudatio* de Clódio, porém, de modo algum foi usual. Foi proferida no lugar certo, pelas pessoas erradas, e seu conteúdo foi contra a tradição da *laudatio funebris* (SUMI, 1997, p.98).

Não é possível recuperar o que foi dito pelos tribunos diante da plateia na *laudatio* improvisada de Clódio, uma vez que não foi preservado na documentação. Ascônio afirma apenas que os tribunos buscaram incitar o ódio contra Milão: “Enquanto isso, Planco e Pompeu, que apoiavam os adversários de Milão, excitavam o ódio contra ele diante de uma assembleia popular” (*In Mil.* 33C 5-4); e que, nos dias posteriores ao funeral, novas *contiones* foram convocadas nas quais não só Milão era denunciado, mas também o esforço de Cícero na defesa do assassino: “Quinto Pompeu, Caio Salústio e Tito Munácio, tribunos da plebe, foram os principais organizadores de assembleias excitando o ódio contra Milão, e mesmo contra Cícero, que com todo empenho o defendia” (*In Mil.* 37C 18-21).

É certo que acusações e lamentos sobre o assassinato estiveram presentes, diferenciando o discurso fúnebre em honra de Clódio, do elogio póstumo aos feitos e ao nome da família enlutada. Ascônio não detalha quais acusações e incitações foram feitas a Milão e Cícero, porém A. J. Roseblitt (2016; 2019 pp.131-140) argumenta, por meio do estudo dos discursos *populares* contidos nos escritos de C. Salústio Crispo, que havia certa constância no que considera o cerne de uma retórica comum de políticos *populares*. Segundo Roseblitt, a retórica dos oradores *populares* nas últimas décadas da república concentrava-se no ataque aos poderosos como inimigos, que tratavam os cidadãos como um povo conquistado, espoliado e escravizado por meio do medo e da lembrança de abusos e assassinatos, e é possível que alguns desses elementos estivessem presentes na *laudatio* de Clódio (ROSEMBLITT, 2016, p. 677).

Ao menos um legado dos antepassados de Clódio aparentemente esteve no repertório da *laudatio* e nos demais discursos dos tribunos da plebe contra Milão e seu defensor, Cícero. A Via Ápia, onde Clódio foi assassinado, havia sido construída no século IV a.C sob a supervisão do seu ilustre antepassado Ápio Cláudio Caecus e, segundo Cícero, o assassinato em um importante monumento familiar não passou despercebido: “Não se pode julgar a morte de Clódio mais atroz por ter acontecido no monumento dos seus antepassados – pois é isto que esses aí dizem continuamente” (*Cic. Mil.*17). Pode-se compreender que o local do assassinato foi um ponto continuamente reforçado como um agravante, tornando ainda mais atroz (*mors atrocior erit*) o crime, suscitando comoção, e sendo frequentemente reivindicado (*Cic. Mil.* 8) como um monumento dos antepassados desrespeitado com o derramamento de sangue. Após a

laudatio, o corpo foi carregado para o interior da Cúria Hostília, onde uma pira funerária foi feita com os objetos que estivessem à mão:

O populacho, sob o comando do escriba Sexto Clódio, carregou o corpo de Clódio para o senado e lhe ateou fogo, servindo-se dos bancos, tribunas, mesas e livros. As chamas consumiram o próprio senado, e a Basílica Pórcia, que lhe era contígua, foi igualmente atingida pelo fogo (Asc. *In Mil.* 33C, 5-9).

O relato de Ascônio sobre o incêndio da cúria foi direcionado pelo discurso de Cícero em defesa de Milão, que se utiliza do incêndio do prédio e da consternação causada pela destruição da Cúria e da basílica Pórcia¹⁹, como argumentos no caso. A indignação do senado causada pela destruição do prédio teria dado a segurança necessária para que o assassino de Clódio, Milão, retornasse à Roma e continuasse sua campanha ao consulado sem maiores preocupações (Asc. *In Mil.* 33C, 15-24). A acusação a Sexto Clódio, auxiliar próximo a P. Clódio, como responsável pelo incêndio da Cúria é um aspecto importante do argumento de Cícero, o qual dá o apelido de lume do senado (*lumen curiae*, Cic. *Mil.* 33).

E não que isto tenha sido realizado por uma multidão ignorante -embora mesmo isso fosse lamentável -, mas por um único homem! Quem teve tamanha ousadia como incinerador de cadáver por afeição a um morto, o que não ousaria como seu caudilho, com ele vivo? Preferiu lançar seu cadáver na cúria, para que morto incendiasse o que vivo subvertera. (Cic. *Mil.*90)

No tribunal que foi instaurado para investigar e punir tanto os responsáveis pela morte de Clódio, quanto os responsáveis pelo incêndio da cúria e pela onda de ataques e violência após o funeral, Sexto Clódio acabou sendo, de fato, apontado como responsável pelo incêndio, sendo condenado com uma larga maioria de votos: 46 votos a 5 (Asc. *In Mil.* 55C, 20-23).

Documentos posteriores, todavia, deram outro enfoque ao sucedido. Dião Cássio, escrevendo entre os séculos II e III d.C, afirma que os seguidores de Clódio: “Pegaram o corpo de Clódio e carregaram-no para o senado, arrumaram-no de maneira adequada e, depois de empilhar uma pira com os bancos, queimaram o cadáver e o prédio” (Cass. Dio, *Hist. rom.* 40.48. 2-3) e que o “populacho, como resultado do que viu e ouviu, ficou profundamente comovido e não mais demonstrava qualquer cuidado com as coisas sagrada sou profanas, mas

¹⁹ Basílicas eram prédios formados por uma nave central e outras secundárias, sustentados por colunas, e eram multifuncionais, abrigando estabelecimentos comerciais e tribunais em seu interior. Mais tarde, devido o seu caráter civil e espaço interno, foram adaptadas ao culto cristão. A Basílica Pórcia foi construída em 184 a.C por M. Pórcio Catão, de quem deriva seu nome, e era relativamente pequena, localizada entre o *Clivus Argentarius* (via que ligava o Fórum ao campo de Marte), e a Cúria Hostília (RICHARDSON, 1992, p. 55)

inverteu todos os costumes funerários e queimou quase toda a cidade (Cass. Dio, *Hist. rom.* 40.48.2).²⁰ Apiano, por sua vez, no século II d.C, escreveu:

Alguns dos tribunos e os amigos de Clódio e uma grande multidão com eles apreenderam-no e levaram-no para a casa do senado, seja para lhe conferir honra, visto que era de nascimento senatorial, ou como um ato de desafio ao Senado por conivente com tais atos. Ali os mais temerários recolheram os bancos e cadeiras dos senadores e fizeram para ele uma pira funerária, que acenderam, e de onde se incendiaram o senado e muitos prédios da vizinhança foram consumidos junto com o cadáver de Clódio. (App. *BCiv.* 2.21.1).

A reflexão de Apiano coloca duas possibilidades para a atitude da multidão: ou conferir honra a um falecido de status senatorial, ou em desafio ao Senado. A cremação do corpo ou o sepultamento dentro dos limites da cidade na república tardia, era uma honra limitada a poucos, e isso se deve tanto a preocupações religiosas em relação à poluição do cadáver, quanto a questões práticas relacionadas à segurança e a higiene que, com o passar dos anos foram absorvidas pela legislação (HUGH, 2000, p. 170). O corpo de Clódio sendo levado ao interior da Cúria e queimado representa, nesse sentido, uma honra restrita. Oito anos depois, o funeral de Caio Júlio César, havia sido preparado para encerrar-se com a cremação do corpo em uma pira ricamente adornada no campo de marte, do lado de fora dos limites formais do *pomperium*. Após a *laudatio*, o corpo foi cercado no caminho pela multidão presente e foi incinerado no fórum, em uma pira formada por bancos e quaisquer objetos disponíveis (Plut. *Caes.* 68.2). Em ambos os casos, a multidão presente, consciente dos códigos simbólicos envolveu-se no funeral, determinando seu desfecho.

Por outro lado, a hipótese de a Cúria ter sido incendiada como um protesto contra a conivência dos senadores com este e outros atos de violência, não pode ser descartada. Entre 57 a.C e 56 a.C, P. Clódio esteve envolvido em pelo menos duas ameaças de incêndio a reuniões do senado, nas quais seus apoiadores ameaçaram queimar o templo da Concórdia e a Cúria com os senadores em seu interior.²¹ Ameaça de incêndio a casas e templos, apedrejamentos e insultos, segundo A. W. Lintott, faziam parte de uma longa tradição de justiça popular que em fins da república passou a ser sistematicamente instrumentalizada por diferentes grupos

²⁰ Trad. Earnest Cary e Herbert B. Foster, adaptado.

²¹ A primeira, em 57 a.C, durante uma onda de escassez que se abateu sobre Roma após o retorno de Cícero, a multidão exigia que fosse dado a Pompeu o comando para restabelecimento das provisões de grãos. Diante da resistência dos senadores no templo da Concórdia, a multidão do lado de fora, segundo Cícero sob a influência de Clódio, ameaçou queimar o templo e os senadores (Cic. *Dom.* 6-7, Cass. Dio *Hist.rom.* 39.9.2-3). No ano seguinte, segundo Dião Cássio, Clódio apoiava a candidatura de Pompeu ao consulado de 55 a.C, para a qual as eleições deveriam ser postergadas. Como boa parte do senado resistia, Clódio foi cercado na cúria e seus apoiadores ameaçaram queimar vivos os senadores e o prédio (Cass. Dio, *Hist.rom.* 39.29.3).

políticos (LINTOTT, 1968, 6-21). A organização da pira funerária no interior da cúria e o incêndio o prédio foram tanto parte da honra conferida a Clódio no seu funeral, tendo sido lhedado o direito à cremação em pleno fórum, quanto a consumação da revolta causada pelo assassinato, com a participação dos discursos dos tribunos.

O funeral de P. Clódio é descrito no texto de Cícero como um argumento que reforça a indignidade do falecido e de seus aliados, especialmente de Sexto Clódio. Para Cícero, Sexto e a loucura de seus apoiadores, espoliaram Clódio da última honra concedida até mesmo aos inimigos (Cic. *Mil.* 33). A ausência da solenidade necessária à tradição do *funus* aristocrático, para Cícero, resultou não em um funeral, mas em uma ofensa cruel com a qual seu adversário foi, após a morte, punido por seus próprios aliados (*inimicissimum multo crudelius etiam punitus es*, Cic. *Mil.* 33). Como já dito anteriormente, a responsabilidade dos últimos ritos funerários era da família, de quem era a incumbência de providenciar as honras adequadas à condição social do falecido. A negação do funeral adequado era parte de punições póstumas aplicadas em contextos violentos, como nas proscições ocorridas durante as guerras civis entre Mário e Sila, nos anos 80 a.C, ou na conclusão de conflitos sociais violentos.²²A morte não era a etapa final da punição, mas seu corpo era objeto de práticas destinadas a completar a obra de humilhação (HINARD, 1984, p.183).

Na avaliação de Cícero, o corpo de Clódio foi objeto de punições semelhantes, das quais era merecedor em virtude de suas atitudes em vida. O orador descreve Milão, seu assassino, no mesmo rol de *nobiles* que assassinaram traidores sediciosos e que, por isso, seriam merecedores não de punição, mas de recompensa:

Contudo, o sentimento de nós todos sempre foi o de que, ao aniquilarmos os traidores da pátria, se a glória futura seria nossa, também seriam considerados nossos os riscos e a impopularidade (Cic. *Mil.* 82).

[...] e se a República fosse grata, ele se alegraria; se ingrata, contudo, diante de tão amarga fortuna, encontraria apoio em sua consciência. (Cic. *Mil.* 83).

Como traidor, portanto, Clódio teria tido dos deuses e da loucura dos seus apoiadores, a punição póstuma adequada, tendo sido apenas chamuscado (*ambureretur*),²³sem *imagines*, sem cantos nem jogos, sem exéquias, sem lamentações, sem louvores, sem funeral, coberto de

²² Para Kyle, (1998, p. 219), o rio Tibre estava ligado a uma tradição de purificação de conflitos sociais e, a partir do século II a.C, passa a figurar de forma recorrente como destino dos corpos após revoltas e conflitos violentos.

²³ Para David Noy (2000, p.191), o corpo parcialmente cremado era um dos insultos ao falecido e aos responsáveis pelo funeral. Cícero destaca a imagem do corpo chamuscado por uns míseros lenhos (Cic. *Mil.* 33 *infelicissimis lignis semiustilatum*) como insulto ao corpo de Clódio, de maneira semelhante a qual se refere ao corpo de César chamuscado pelas tochas dos amigos de Marco Antônio (*Et eas quibus semustilatus ille*, Cic. *Phil.* 2.91).

sangue e lama (Cic. *Mil.* 86). Punição essa, segundo o orador, adequada, pois: “Não era justo, creio eu, que as imagens dos varões ilustres concedessem alguma dignidade àquele horrendo assassino” (Cic. *Mil.* 86).

Além da ausência, para Cícero, dos rituais adequados, tendo o funeral se resumido a míseros lenhos chamuscando o corpo de Clódio, Cícero realça a imagem do corpo insepulto, deixado para ser dilacerado pelos cães noturnos (Cic. *Mil.* 33). Segundo Dião Cássio, os restos mortais de Clódio foram deixados no interior da Cúria destruída pelas chamas. Apenas dias depois, quando foi determinada a reconstrução do prédio, foi também determinada a retirada dos seus restos mortais (Cass. Dio. *Hist. rom.* 40.50.1-3). A Cúria Hostília foi escolhida como local adequado para a pira funerária, bem como para sua sepultura. Dião Cássio afirma, ainda, que houve calma suficiente para horas depois do incêndio, diante da cúria fumegante, um banquete funerário fosse organizado em pleno fórum (Cass. Dio, *Hist. rom.* 40.48.2-3).

Evidentemente, para Cícero, se Clódio não teve os ritos fúnebres levados de acordo com os costumes e com o protagonismo dos seus familiares e membros da mesma ordem senatorial a qual pertencia, logo, não teve funeral algum e, não tendo, teve a desonra que, segundo ele, Clódio merecia. Por outro lado, o funeral era um evento público e, como outros eventos públicos, era também palco para demonstrações de apreço ou rejeição popular, o que ocorreu em outros momentos antes e depois do funeral de Clódio. Além da já citada intervenção na pira funerária de Júlio César, em 44 a.C, Plutarco escreve sobre um amigo de Tibério Graco que, em 133 a.C, faleceu de maneira misteriosa com manchas espalhadas pelo corpo, o que deu lugar a boatos sobre um possível envenenamento. Uma multidão consternada correu ao funeral, pegou o corpo e carregou a liteira para que eles mesmos oferecessem as últimas homenagens (Plut. *Ti. Gracch.* 13.4);²⁴ e sobre o funeral de Júlia, em 54 a.C, esposa de Cneu Pompeu e filha de Júlio César que, ao falecer durante o parto, teve seu corpo tomado à força durante o funeral e levado para ser cremado e sepultado no campo de Marte, apesar dos planos de Pompeu de sepultá-la em sua vila em Alba (Plut, *Pomp.* 53.1).

Nem todas as intervenções em funerais aristocráticos eram positivas, porém, e há casos como o de Pompeu Estrabão, pai de Cn. Pompeu, que em 87 a.C, que teve seu funeral interrompido por uma multidão que tomou o corpo, derrubou da liteira e, no chão, passou a insultá-lo (Plut. *Pomp.* I.1).²⁵ O funeral de Clódio, no qual a multidão tomou o corpo e empreendeu, juntamente com alguns tribunos, etapas do funeral aristocrático de forma diversa

²⁴ Segundo Plutarco, uma vez que a pira funerária não acendia, os boatos sobre o envenenamento cresciam e a multidão moveu de lugar o corpo até que conseguisse, finalmente, ascender as chamas (Plut. *Ti. Gracch.* 13.4)

²⁵ De acordo com Plutarco, Pompeu Estrabão não era popular em vida, mas em vida era temido (Plut. *Pomp.* 1.1)

e adaptada fez parte, portanto, de uma tradição anterior de intervenção no funeral aristocrático, tanto como forma de apoio, no caso de Clódio, quanto como maneira de censura.

Tradições e rituais estiveram em constante diálogo com outras formas de perpetuação e de registro da memória cultural na Roma tardo-republicana. Nelas, a memória cultural, como registrada pela elite letrada de Roma, era cristalizada por diversas maneiras e, no ritual funerário da aristocracia, era exibida de maneira pública em um evento que unia diversas ordens, no qual a trajetória da aristocracia e sua relação com a memória da comunidade era cultuada. Ao mesmo tempo que o *funus* aristocrático envolvia uma parte significativa da comunidade da *urbs* em torno de ideais e tradições comuns, em determinadas condições vozes dissonantes emergiam e, utilizando-se destes mesmos códigos e rituais cristalizados na memória cultural, conseguiam passar mensagens divergentes, conflitantes e, às vezes, violentas.

O funeral de Públio Clódio, embora não tenha seguido o roteiro tradicional, passou por etapas comuns ao funeral tradicional. O corpo foi apresentado no átrio, transladado às *Rostra* e exposto diante do discurso fúnebre, e levado à pira funerária final, e ao túmulo. A iniciativa de sua esposa, da multidão, e dos tribunos da plebe envolvidos, porém, deu contornos diferentes ao evento. O corpo exposto com as marcas do crime, o discurso dos tribunos e a pira funerária na cúria foram adaptações que envolveram uma quantidade significativa de elementos comuns ao funeral aristocrático e a revoltas populares, aliados à hierarquia da presença dos tribunos e do valor simbólico e político investidos a objetos, como os *fasces*. Embora tenha sido retoricamente considerado como insulto por Cícero, e analisado com enfoque nas consequências legais em Ascônio, documentos como Dião Cássio e Apiano, que tinham como foco de interesse as dissensões e conflitos do final da república, permitem ver o funeral de Clódio como uma inversão dos papéis comuns do ritual funerário das elites romanas, movida pela revolta. O funeral de Públio Clódio Pulcro permite analisar como tradições capitaneadas pela aristocracia romana povoavam a memória cultural da cidade e como essa memória cultural era complexa, envolvendo diferentes narrativas identificadas com aspectos próprios da experiência social dos agentes.

Documentos consultados

Appian. *Roman History*, Volume III: The Civil Wars, Books 1-3.26. Translated by Horace White. Loeb Classical Library 4. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1913
Cícero e Ascônio. *Em Defesa de Milão/Comentário sobre o Discurso de Defesa de Milão*. Trad. de M. L. V. Borges. Rev. técnica de A. Scatolin. São Paulo: Assimetria, 2021.

Cicero. *Philippics I-VI*. Edited and translated by D. R. Shackleton Bailey. Revised by John T. Ramsey, Gesine Manuwald. Loeb Classical Library 189. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2010

Cicero. *Pro Archia. Post Reditum in Senatu. Post Reditum ad Quirites. De Domo Sua. De Haruspicum Responsis. Pro Plancio*. Translated by N. H. Watts. Loeb Classical Library 158. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1923.

Dio Cassius. *Roman History*, Volume III. Translated by Earnest Cary, Herbert B. Foster. Loeb Classical Library 32. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1914

Plutarch. *Lives*, Volume VII -X: Translated by Bernadotte Perrin. Loeb Classical Library 102. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1919-1920.

Bibliografia consultada

ASSMANN, A.; SHORTT, Linda. *Memory and Political Change*. New York: Palgrave Mcmillan, 2012.

ASSMANN, J. *Cultural Memory and Early Civilization. Writing, Remembrance and political imagination*. New York: Cambridge University Press, 2011.

ASSMANN, J. *Communicative and cultural memory*. In: ERLI, Astrid; NÜNNING, Ansgar (Ed.). *Cultural memory studies: an international and interdisciplinary handbook*. Berlin; New York: De Gruyter, 2008. p. 109-118.

BODEL, J. Dealing with the dead: undertakers, executioners and porter's fields in ancient Rome. In. HOPE, V.; MARSHALL, E. *Death and disease in Ancient City*. Londres: Routledge, 2000.

BODEL, J. Death on Display: Looking at Roman Funerals. In. *The art of ancient spectacle*. BERGMANN, B.; KONDOLEON, C. (Eds) Studies in the history of art. Symposium papers XXXIV. New Haven: Yale U. Press, 1999.

BORGES, M. L.V. *O Pro Milone de Cícero: tradução e estudo da invenção*. Dissertação de mestrado, FFLCH-USP, obtenção de título de Mestre em Letras Clássicas. São Paulo, 2011.

CARROLL, M. *Spirits of the Dead. Roman Funerary Commemoration in Western Europe*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

COURRIER, C. *La Plebe Romain et sa culture La Plèbe de Rome et sa culture (fin du IIe siècle av. J.-C. - fin du Ier siècle ap. J.-C.)* Rome: École française de Rome, 2014.

ERKER, D. S. *Gender and Roman Funeral Ritual*. In. HOPE, V.; HUSKINSON, J. (Ed.). *Memory and Mourning: Studies on Roman Death*. Oxford: Oxbol, 2011.

ERKER, D. S. *Woman's tears in Ancient Roman Ritual*. In. FOGEN, T. *Tears in Greco-Roman World*. Berlin: Walter de Gruyter, 2009.

FAVRO, D; JOHANSON, C. Death in Motion: Funeral Processions in the Roman Forum. *Journal of the Society of Architectural Historians*, Vol. 69, No. 1, 2010, pp.12-37.

FLOWER, H. I. *The Art of Forgetting: Disgrace & Oblivion in Roman Political Culture*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2006.

FLOWER, H. *Ancestors Masks and Aristocratic Power in Roman Culture*. Oxford: Oxford University Press: 1996.

GRAHAM, E.-J. Memory and Materiality: Re-embodying the Roman Funeral. In. HOPE, V.; HUSKINSON, J. (Ed.). *Memory and Mourning: Studies on Roman Death*. Oxford: Oxbol, 2011.

GLARE, P. G. W. (Ed.) *Oxford Latin Dictionary (OLD)*, Ed. 2. Oxford: Oxford University Press, 2016.

GOWING, A. *Empire and Memory: the representation of the Roman Republic in imperial culture*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. HÖLKESKAMP, K.-J. *Reconstructing the Roman Republic*. New Jersey: Princeton University Press, 2010a.

- HÖLKESKAMP, K.-J. *History and Collective Memory in the Middle Republic*. In: ROSENSEIN, N; MORNSTEIN-MARX, R. *A Companion to the Roman Republic*. Oxford: Blackwell, 2010b.
- HÖLKESKAMP, K.-J. In Defense of Concepts, Categories, and Other Abstractions: Remarks on a Theory of Memory (in the Making). In: GALINSKY, K. (Ed.) *Memoria Romana: Memory in Rome and Rome in Memory*. Michigan: University of Michigan Press, 2014.
- HOPE, V. *Roman Death: The Dying and the Dead in Ancient Rome*, London: Bloomsbury Publishing, 2009.
- HOPE, V. *Death in Ancient Rome: A sourcebook*. London: Routledge, 2007.
- HOPE, V. Contempt and respect: The treatment of the corpse in ancient Rome. In: HOPE, V.; MARSHALL, E. *Death and disease in Ancient City*. London: Routledge, 2000.
- HINARD, F. La male mort. Exécutions et statut du corps au moment de la première proscription. In: *Du châtement dans la cité. Supplices corporels et peine de mort dans le monde antique*. Rome: École Française de Rome, 1984. pp. 295-311.
- HUGH, L. Death pollution and funerals in Rome. In: HOPE, V.; MARSHALL, E. *Death and disease in Ancient City*. Londres: Routledge, 2000.
- MARSHALL, A.J. Symbols and Showmanship in Roman Public Life: The Fasces. *Phoenix*, Vol. 38, No. 2, 1984, pp. 120-141.
- MORSTEN-MARX, Robert. *Mass Oratory and Political Power in the Late Roman Republic*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- NOY, D. 'Half-Burnt on an Emergency Pyre': Roman Cremations Which Went Wrong. *Greece & Rome*, Vol. 47, No. 2, 2000, pp. 186-196.
- PINA POLO, F. Eminent corpses: Aristocracy's passing from life to history., In: SIMÓN, Marco; PINA POLO, Francisco; José Remersal (Ed.). *Formae Mortis: El Tránsito de la Vida a la Muerte em las Sociedades Antiguas*. Barcelona: Universitat de Barcelona, 2009.
- PINA POLO, F. How Much History did the Romans Know? Historical References in Cicero's Speeches to the People. In: SANDBERG, K; SMITH, C. *Omnium Annalium Monumenta: Historical Writing and Historical Evidence in Republican Rome*. Bostom: Brill, 2018.
- RICHARDSON, L. *A New Topographical Dictionary of Ancient Rome*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1992.
- ROSEMBLITT, J.A. *Rome after Sulla*, London: Bloomsbury Publishing, 2019.
- ROSEMBLITT, J.A. Hostile Politics: Sallust and the Rhetoric of Popular Champions in the Late Republic. *American Journal of Philology*. Volume 137, Number 4, 2016 pp. 655-688.
- SUMI, G. S. The Crowd at Clodius's Funeral. *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte*, n. 46, 1997, pp. 80-102.
- TOYNBEE, J.M.C, *Death and Burial in the Roman World*. Baltimore: Jhon Hopkins University Press, 1971.
- TATUM, Jeffrey. *The patrician tribune, Publius Clodius Pulcher*. London: University of North Carolina Press, 2010.
- WISEMAN, T.P. Popular Memory, in: K. Galinsky (ed.) *Memoria Romana: Memory in Rome and Rome in Memory*, Michigan U. Press, 2014.